

"Administrar Brasília não é administrar uma cidade qualquer, mas uma cidade que já nasceu com pedigree, o que obriga a umas tantas limitações. A primeira condição para se administrar Brasília é gostar de Brasília; a segunda, é conhecer os planos; a terceira, respeitá-los". (Lúcio Costa)

Com a autoridade que nos conferem os nossos trinta anos de ininterrupta dedicação e vivência nesta cidade, durante a sua construção e consolidação, concordamos plenamente com as palavras acima enunciadas, de autoria do genial urbanista Lúcio Costa, autor do Plano Urbanístico de Brasília.

Se os governantes não conhecem os Planos que foram especificamente traçados para a cidade-monumento, verdadeira obra de arte do urbanismo moderno, que tanto entusiasmou o mundo, não podem evidentemente administrar a cidade. Não se respeitando tais Planos, a cidade é deturpada, maculada, distorcida.

Dai a série de problemas que vimos enfrentando ultimamente com o seu crescimento desordenado.

De tempos em tempos, tanto Lúcio Costa como Niemeyer vêm a público e emitem suas opiniões sobre o desenvolvimento da cidade, sobre o seu destino, sobre os acertos e erros.

Há tempos, numa entrevista à revista do Clube de Engenharia, sobre Brasília, Lúcio Costa declarou, como preâmbulo, o seguinte:

"Acho extraordinário que essa cidade, há tão pouco tempo simples ideia mentalmente visualizada, já se tenha materializado numa realidade viva e atraente.

"Acho extraordinário pensar que há pouco mais de dez anos não havia ali senão deserto e solidão.

"Acho extraordinário que nesse lugar ermo e distante, sem vias de acesso, nós brasileiros tenhamos construído sozinho, em apenas três anos, a nossa capital.

"Acho extraordinário que, passado tão pouco tempo, ela já esteja ligada por rodovias aos quatro cantos do País, com vida brotando ao longo destas profundas penetrações.

ERNESTO SILVA

"Acho extraordinário que, hostilizada como tem sido, tenha podido resistir, apenas nascida, a tantas mutações.

"Acho extraordinário que essa cidade — nossa capital — apesar dessas vicissitudes ainda preserve, em parte, a sua beleza inicial.

"Acho extraordinário que tantos brasileiros dignos persistam em se mostrar insensíveis a tudo isto".

Oscar Niemeyer certa vez prestou um depoimento sobre Brasília, dando a sua opinião pessoal e focalizando a sua atuação nesta cidade:

"Não me vou deter sobre fatos anteriores, lembrando, por exemplo, como foi difícil construir Brasília. Não vou rememorar tão pouco como tentaram paralisá-la com as críticas mais ridículas e revoltantes nem recordarei os que se destacaram nesse triste mister e que hoje, diante do seu sucesso indiscutível, a defendem como se fôssemos uma nação de desmemoriados. Não contarei ainda como essa campanha nos foi útil, incentivando-nos na responsabilidade assumida.

"E recorde nossa chegada a Brasília, em princípio de 1958, e a terra deserta e hostil parecendo repelir-nos com o seu silêncio e abandono. Depois, o entusiasmo que tudo fazia esquecer, absorvidos pelo trabalho. Brasília surgiu branca e civilizada, superando críticas, invejas e incompreensões.

"Com a cidade inaugurada, tudo mudou. Chegaram os donos da terra, do dinheiro e dos privilégios, e com eles as velhas críticas se reiniciaram, com a mesma levandaram, o mesmo desprezo e esse alheamento criminoso ao que Brasília significa na interiorização do nosso País.

"O ímpeto inicial se diluiu..."

Quando perguntaram a Lúcio Costa, em 1970, se "a concepção de uma capital, sem os problemas das grandes cidades, estaria resistindo à prova dos fatos", o urbanista respondeu simplesmente:

"Na medida em que o plano original foi respeitado, resistirá".

Uma pergunta muito importante foi feita por um jornalista

a Lúcio Costa durante uma entrevista por este concedida por ocasião da passagem do décimo aniversário de Brasília: "Qual seria a solução urbanística para evitar o nascimento de favelas em torno de Brasília e por que elas proliferam tão rapidamente? E como indicaria uma solução para a integração das cidades-satélites com Brasília".

A resposta integral de Lúcio Costa, até hoje quase inédita, é a seguinte:

"O cineasta Joaquim Pedro de Andrade fez um documentário sobre Brasília falsamente intitulado *Contradições de uma Nova Cidade* quando na verdade deveria chamar-se *Contradições de um País em Desenvolvimento*. O simples fato de transferir a capital não poderia alterar, da noite para o dia, a realidade brasileira. Enquanto o planejamento nacional — e, conseqüentemente, o problema da habitação — for baseado na aceitação passiva do fato de a população do País compor-se de duas partes, uma de pessoas e outra de subpessoas, essa aberração continuará. O próximo recenseamento deveria consignar esta dupla categoria de gente. É uma indignidade planejar conjuntos residenciais urbanos com unidades de 25 a 30 metros quadrados para famílias compostas geralmente de cinco a oito criaturas, rádio inclusive, pois não se trata apenas de espaço, o problema é também sonoro. Esse mínimo deve ser o maior possível, ou seja, da ordem de 42 a 50 metros quadrados, ainda que a amortização do capital leve cinquenta anos ou mais. E aí que reside a verdadeira segurança nacional.

"No caso específico de Brasília, a solução seria, em parte, forçar (não é preciso desapropriação, basta legislar nesse sentido) a construção de apartamentos para pequenos funcionários, comerciantes e proletários, nas superquadras internas disponíveis e, em parte, construir na própria área metropolitana os conjuntos de apartamentos econômicos entremeados de áreas verdes já projetadas há muito tempo.

Quem trabalha na cidade deve morar na cidade. E uma aberração e um desperdício, numa cidade planejada, esse deslocamento diário da população obreira. É um erro estimular o desenvolvimento dessas pseudocidades-satélites, cujo crescimento deveria ser, pelo contrário, contido em favor de estímulo à atividade rural nas áreas circunvizinhas, ou ser condicionado à instalação de indústrias: é nestes termos que a integração se deve processar e nunca em termos de fusão. Neste sentido, providências drásticas deveriam ser tomadas a fim de impedir construções de qualquer espécie fora da área metropolitana. Se a favela é uma manifestação urbana de uma doença de fundo econômico-social, tais soluções significam o propósito de consolidar a doença".

Finalmente, vejamos a opinião do urbanista Lúcio Costa sobre a utilidade da criação de Brasília para a arquitetura e a engenharia nacional:

"Foi um teste da nossa capacidade e maturidade técnica e artística. A vitalidade e competência da Construtora Rabelo e a obra de Oscar Niemeyer são a prova disto.

"Do ponto de vista econômico e financeiro — que o Dr. Gudín e o Dr. Buhlões me perdoem — estaríamos exatamente na mesma sem Brasília: teríamos comprado mais porta-aviões ou outros brinquedos; do ponto de vista político, parece evidente que o afastamento da capital serviu para amortecer o impacto das sucessivas crises ocorridas neste seu primeiro decênio; do ponto de vista administrativo, causou e ainda causa grande transtorno e desperdício, mas é natural que assim seja: se a mudança de uma casa para outra é o que é, imagine-se agora uma capital; o fenômeno é, contudo, transitório; à medida que as amarras forem sendo cortadas e a população burocrata e política se fixar, o ritmo administrativo normal será restabelecido, e esse aspecto negativo passará; do ponto de vista cultural, basta-lhe a simples presença, e Brasília ainda se transformará, com o tempo, tal como o Plano Piloto previa, num foco de cultura dos mais lúcidos e sensíveis do País.